AVENIDA PAULISTA

DA CONSOLAÇÃO AO PARAÍSO

direção geral felipe hirsch

SESI-SP cultura

SOBRE O SESI-SP

Em 2024, o Teatro do SESI-SP comemorou seis décadas de história, cultura e inovação. Nesse ano marcante, celebrou sua tradição de apoiar produções que redefinem a cena teatral brasileira.

Em 2025, "Avenida Paulista, da Consolação ao Paraíso" chega ao palco do Teatro do SESI-SP como parte e continuidade desse momento celebrativo. No espetáculo, que é uma fábula urbana e cujo fio condutor é a memória que une passado e futuro, o diretor Felipe Hirsch retrata a metamorfose histórica da cidade de São Paulo representada por uma avenida. Personagens múltiplos e histórias não lineares refletem a dinâmica de narrativas diversas, sonoridades, imagens, corpos e identidades. De forma poética, tudo isso traduz e torna presente as muitas ausências que compõem o cotidiano dessa pauliceia.

Com este novo espetáculo, o SESI-SP reforça seu compromisso de oferecer ao público uma programação diversa, contundente e gratuita, alinhada aos aspectos sociais e artísticos da contemporaneidade. Assim, a instituição, enquanto espaço de formação e usufruto, desempenha uma mediação fundamental entre público e obra, proporcionando, muitas vezes, a primeira experiência com o teatro a inúmeras pessoas.

no fundo no fundo é apenas o
mundo
cidades girando com a Terra
no centro
o planeta engasgado,
avenidas lá dentro
uma avenida circular

trecho de "No fundo, no fundo", Maurício Pereira

ENQUANTO ESPERO

Da minha janela vejo as antenas da Avenida Paulista. Como eu vim parar aqui? Há 20 anos eu estava encaixotando livros no quarto de hotel onde morava. A peça Avenida Dropsie, que fizemos sobre a obra de Will Eisner, estava em cartaz neste mesmo Teatro do SESI-SP, e uma longa fila se estendia até o Trianon para pegar ingressos gratuitos. Recentemente eu soube que uma dessas pessoas era o Emicida. 19 anos, trabalhador, ele passava suas poucas horas livres na gibiteca do SESI-SP, onde eu via os motoboys mal descansarem no almoço lendo quadrinhos. O Emicida contou num podcast que aquela peça foi importante para ele. Foi o que me disse depois. E lembrei por que vim parar aqui. Eu moro na Paulista. Bem perto dela, na verdade. Hoje tenho um filho de 5 anos que nasceu em São Paulo e volta da escola olhando os edifícios acesos da Paulista à noitinha. Foi naquela época que decidi passar uma parte considerável da vida aqui, e mal sabia por quê; nem imaginava a sensação inigualável de ser amado por um filho, só pensava na minha nova relação com a Mariana, com essa cidade, com essa Avenida. Tudo parecia um projeto para o futuro. Hoje me sinto constantemente esperando esse futuro. É como se fizesse tudo provisoriamente enquanto o futuro não chega. Enquanto não posso descansar, enquanto não entendo o mundo e tenho menos certezas. Enquanto espero, ouço no fone, sozinho à noite, na canção mais linda sobre e para um filho, que "a vida é o que acontece enquanto você está ocupado fazendo outros planos". O mundo era tão diferente há 20 anos, que mal posso explicar para quem não pode imaginar. O teatro era em preto e branco, como diz o Beto. E um dia na cozinha do Gui, decidimos fazer uma peça a partir do Eisner. Sem saber que esse mestre morreria durante os ensaios, que acabaríamos no País Basco, que iríamos umas quatro vezes ao programa do Jô Soares falar sobre a peça, mesmo quando era para falar de outros trabalhos (Jô pintou um quadro à la Eisner e me deu depois de ver a peça algumas vezes). Dropsie também nos levou a um escritório mofado atrás do luminoso da Coca-Cola na Times Square. Quase nos levou à Broadway, se não mudássemos de rumo, mas isso é uma longa história. O fato é que eu já morava perto da Paulista desde a virada do século e percebia que seria difícil sair daqui. Nos últimos anos, trabalhei muito no centro da cidade, e as imagens dantescas produzidas pelo abandono dos governantes me exauriram (também a tristeza da pandemia e da estupidez que saqueou nosso poder); me levaram ao ponto de pensar num outro lugar para viver. O que me convenceu a ficar foi o nascimento do Inácio, foi a Paulista fechada aos domingos. Sim, essa é uma das maiores experiências democráticas que conheço. Imperfeita, cheia de repressões, mas democrática o bastante para centrifugar um suco de surrealismo de fazer inveja ao Buñuel. Então sigo aqui, ouvindo sirenes de ataque aéreo ao meio-dia, britadeiras às três da manhã, o vidro da janela tremendo com protestos, com paradas, com a história. Quando o SESI-SP me chamou para comemorar os 60 anos do Teatro Popular e os 20 da Dropsie, respondi que agora era a vez dessa outra avenida, a Paulista, rimar com aquela do Eisner. Agradeço a quem estava naquela avenida, especialmente ao meu irmão Gui Weber e aos mestres parceiros de sempre e para sempre, Daniela Thomas e Beto Bruel. Desta vez, temos todos esses compositores, de quem sou declarado fã, fazendo canções lindas. Daqui a 20 anos, quem sabe vou ouvir alguém cantando alguma delas e terei 72 anos. Onde estarei? Em qual avenida? Dani diz que fiz a peça para mim, de tanto que amo música. Não é a única verdade. Vindo de Fantasmagoria, em que o plano era contrariar expectativas, desavergonhadamente afirmo que a estratégia aqui é reiterar a confiança em outras expectativas. As que esperam, através da poesia, um mundo sublime e justo, como ele pode ser.

P.S.: Esse ano estive em Veneza e deu saudade da Avenida Paulista.

FELIPE HIRSCH direção geral e dramaturgia

RECONHECIMENTO DE PALCO, 20 ANOS DEPOIS

O frisson dos atores, intensa angústia misturada com excitação, comparável aos segundos antes de se jogar de um bungee jump, preenche toda a extensão do palco que eles visitam pela primeira vez hoje. Felipe Hirsch incita ainda mais, com advertências para os perigos, os desafios na escuridão das coxias, a vertigem pela altura. Afinal, um edifício de três andares, de ferro, com duas escadas nos extremos, por onde eles terão de circular num entra e sai frenético, na escuridão, ou com a luz lateral direto nos seus olhos, está ali, enorme, pesado, e eles passam as mãos nas superfícies, sobem cuidadosos as escadas, balançam o corpo no andar mais alto, para sentir a extensão do balanço do bicho que vai ser a casa das dezenas de personagens que habitarão nos próximos meses. Nas coxias, Felipe avisa, centenas de figurinos ocuparão a maior parte do espaço de circulação. E tem as torres de luz também, atrás de cada perna. E alerta: vocês não verão o público, escondido atrás do telão de filó. Ah, cuidado com o gradil de ferro que rasga o palco de fora a fora e permite que a água dos 18 minutos de chuva escoe para o porão, ele pode estar escorregadio. Prestem atenção, aqui vai estar um piano, uma bateria, outra bateria, um baixo acústico... Ouço as respirações alteradas, os olhares arregalados. Felipe regozija na descrição dantesca das entranhas do espetáculo que se avizinha.

O déjà-vu é inevitável. Avenida Dropsie, 2005, 20 anos. Mesmo palco, mesmo Felipe e a mesma aflição pré-estreia de um espetáculo muito ambicioso em todos os sentidos, porque é assim que o Felipe gosta de criar, andando na beira de um abismo, exigindo de si mesmo e de todos em sua volta a adrenalina circulando pesado nas veias. Porque é aí que mora o excelente, o insuspeito, o futuro cavado dentro do presente. E eu posso dizer que gosto de ser desafiada assim, e talvez seja essa pressão, esse absurdo nível de exigência que tempera nossos 25 anos de parceria e me faz desejar mais e mais.

Mas há outras parcerias incríveis que cercam esses dois projetos, sem cuja coragem eu não enfrentaria levantar esse monstro que se repete agora com outra avenida, outra arquitetura. O Teatro do SESI-SP e sua equipe de palco fantástica (viva Nilson e Espirro) conosco desde 2005; no Dropsie, a arquiteta Patricia Rabbat e o destemido cenotécnico Lázaro; e agora meu Felipe, o Tassara, arquiteto parceiro de tantos projetos; o infalível Mauro Amorim, que comanda uma orquestra fantástica, com Patricia, Mauricio, Fernandes e mais incansáveis executores dessas nossas fantasias; e o imbatível Nietzsche, que faz tudo rodar e chover.

DANIELA THOMAS direção de arte e cenografia

A menor das ruelas pode ser do tamanho de um mundo. Eu mesmo calhei de morar numa Rua Johann Sebastian Bach, tão grandiosa no nome, e restrita a um só quarteirão. Tenho visto ipês, caxinguelês, extremosas, gambás, porcos-espinhos, cachorros, gatos, periquitos, pombas, rolinhas, sanhaços, saíras, fiações, telhados, matas, araucárias, gente, pouca gente, muita gente, muito carro, pouco carro, vidas e fins de vidas nesse cantinho ínfimo. Outras ruas podem ser mais alegres, ou mais tristes, com certeza. Há ruas com seus infelizes nomes de doutores, desembargadores, barões, condes, viscondes, duques, engenheiros; em alguns dias me alegro nas ruas com nomes de professores ou poetas, mas talvez dê no mesmo. Há aqui ou ali ainda uma Rua do Sol, Rua da Alegria, Rua do Jogo da Bola. Mas há também Rua 10, Rua 45. Na terra onde nasci, nem há ruas direito, só códigos, como SQS 215, Bloco B, e você se vira pra entender. Em todos os nomes, um mundinho, ou um mundão, vai saber. Só indo lá pra ver. E o melhor a fazer, num caso desses, é ir mesmo.

Porque há também ruas fechadas, que não vão nos aceitar facilmente. Ruas com e sem saídas, com e sem entradas, com e sem sentido. Vias de mão dupla, vias únicas, vias ínvias, vias várias. Elas podem mesmo dar em esquinas, trívios, quadrívios, podem dar no mar, num lago, num rio. Podem nunca dar em nada. E isso pode mesmo ser lindo.

Uma rua pode se abrir e alargar, mais ou menos do que seu próprio chão, porque uma rua não termina no asfalto, nem na calçada, nem nas paredes, muros, casas, lojas, prédios, ocas, matas, orlas, que as enquadram. Uma rua, por exemplo, pode ser meio que um estado todo, pode ser uma Avenida. Poderia ser uma Avenida Paulista. Vejam bem, ali no coração desvairado da Pauliceia, ela não é a Avenida Paulistana, não. É Paulista. Podia ser Avenida Brasil, tranquilamente; mas já há outras por aí com esse nome.

Uma Avenida Paulista, como não poderia deixar de ser, é um rastro contínuo de encruzilhadas, onde tudo e nada podem acontecer. Já ficou à toa numa esquina dessas, madrugada adentro, esperando nadinha de nada? Aconselho, mas já aviso: leva tempo. Se ficar ali quietinho, você pode flagrar bem na tua frente: nada. No mais das vezes, se você espiar, até desatentamente, vai encontrar é tudo. Ou melhor, de tudo. Um pouco de tudo. Avenida Mundão. E todos sabem: ela fica justamente entre o Paraíso e a Consolação, um mistério que não saberei bem dizer.

Sei, porém, que já me comovi bastante por ali. Eu, que não sou dessa terrinha que me assoberba de imensidão; eu, que sempre estrangeiro me sinto um feliz pinto no lixo diante do anonimato dessas multidões; bom, eu já me peguei comovido até o tutano ao contemplar num fim de tarde entre lobo e cão, cinza e pardo, pela primeira vez, uns vinte anos atrás, um engarrafamento absolutamente imóvel na Avenida Paulista. Também pasmei num boteco cujo nome não me lembro, absorvendo ondas e ondas de vida alheia a jusante e a montante nos seus fluxos. E claro que já estanquei apurando olhos e ouvidos com uma banda, uma mágica, um hipnotizador, uma barraquinha de cachorro quente, um artista das miçangas, uma tatuadora improvisada, um mendigo mais elegante que eu, um maluco, uma maluca, um bando de jovens, uma manifestação a favor e contra, outra contra e a favor, uns policiais a cavalo, uns cavalos humanos etc. Acho que já contemplei dois centauros broncos atravessando na frente da Gazeta, a dobrarem em direção ao MASP. Eu venero, a

cada vez que piso meus pés no chão de São Paulo, no meio da mata cada dia mais viva e densa do Trianon, o Fauno de Brecheret, meu deus pessoal, familiar, que me escuta e não responde. Eu me perdi em galerias a esmo, entrei e saí de cinemas e teatros, museus e livrarias, um e outro restaurante e lanchonete, mais uns e outros botecos, tive umas grandes alegrias na Casa das Rosas, umas bebedeiras nas adjacências, um sanduíche final no Xique-Xique, um carro quase me atropelando, uma bicicleta quase me atropelando, um par de patins quase me atropelando, uns dois cachorros quase me atropelando, uns sons de metrô subindo pelos respiradouros quase me atropelando. Dobrei um tanto de esquinas também, não vale a pena relatar todas. Vi patos de borracha e de carne. Uma variedade de cheiros e cores. Pixos, águas de valeta, garoas raras, tormentas e janelas, muitas janelas, e caras, caras, caras. Um Universo numa rua, que é uma avenida, que bem poderia ser uma ruela, mesmo que não seja.

Vi também seu passado e seu futuro: as ruínas dos dois lados.

Continuo vendo, pra ser sincero.

Mas o que eu mais vi, o que mais me moveu por aqui, quando estou aqui, quando me suponho aqui através de uma tela qualquer, o que mais me atrai aqui é: gente, gente, gente. Tantas, não todas. Valem por quase todas. Todas as gentes, mas não toda a gente. Muitíssima gente, mas não cada gente. Eu sou dessas que vêm e vão, porque a Avenida Paulista é ponto de passagem, encruzilhada das encruzilhadas, santuário bendito do caos, aporte da grana que ergue e destrói coisas belas, fonte dos contrassensos vários que nos encerram. Gente, gente, gente. Cada vez que estou aqui, são diferentes. Desconfio que eu mesmo aqui me diferento um tanto. Avenida Universo, quem sabe? É demais, parece algo brega como Miss Universo, que deve ter aos montes passando pelas ruas. Quando eu chegar no Paraíso, não estarei no paraíso. Quando eu chegar na Consolação, não haverá qualquer consolação. Só a Paulista, que parece saltar para depois da Angélica e continuar subindo até não sei bem onde.

A Avenida Paulista dos mapas tem cerca de três quilômetros. A dos apps de monitoramento de atividade física é uma caminhada tranquila de uns cinco mil passos. Nos livros de história, ela compreende 133 anos de mudança e movimento.

No catálogo das dores e encantos humanos, ela foi e continua sendo o palco de milhares de vidas, milhões de cenas privadas e públicas.

Mesmo que você a percorra com a maior calma, há de conseguir apenas entrever uma seleção pequena de tudo que acontece ali. Agora. Imagine o que já se perdeu. E imagine o que nem poderia ter sido "visível".

Estreando onde estreia, esta nossa Avenida Paulista realiza a curiosa manobra ao mesmo tempo centrípeta e centrífuga de criar um bonsai da avenida dentro da avenida, e também de ampliar seus menores recantos, como numa casa de bonecas virada ao contrário e filmada em detalhe.

No fundo, no fundo, isso tudo virou uma tentativa de fazer com que aquelas vidas, aquelas pessoas, aquelas histórias todas desfilem na frente da plateia. Fazer com que, imóvel, cada um de vocês (e cada um de nós), veja passar a sucessão de retratos, recortes, mosaicos e caleidoscópios que de outra maneira estariam se desdobrando, simultâneos, em toda essa faixa do nosso mundo, espalhados por quilômetros de chão e empilhados em andares de prédios.

Se é impossível que um caminhante abarque a rua, ora, que a rua então percorra cada um enquanto dure esse espetáculo; se ela é maior que cada um de nós, mais antiga e mais ampla, que agora se concentre à nossa frente e que se expanda de um ponto que podemos abranger de uma só vez.

Este é o quarto espetáculo em que eu colaboro com Felipe Hirsch. Nesse tempo, nós - eu, Gui, Felipe e Juuar - fomos criando nosso "método" de trabalho à distância: um mundinho de criação por WhatsApp e Google Drive, com reuniões mensais na pizzaria da esquina aqui de casa, quando o Felipe passa por Curitiba.

Eu e o Guilherme podemos escrever centenas (literalmente) de sugestões de cenas e acabar vendo no palco uma das nossas mensagens de áudio. A gente às vezes elabora dezenas de diálogos entre personagens inventados para depois ver dois atores fazendo o papel de Caetano e Guilherme, discutindo os problemas de lidar com aqueles problemas.

Hoje, nós nem queremos mais saber o que foi escrito por um ou por outro. Escrevemos um palimpsesto permanente a quatro mãos, a ponto de nem mesmo sabermos se as "nossas" ideias de base foram em algum momento individuais ou nasciam dessa conversa constante.

Aqui, além de tudo, nós lidamos com uma torrente infindável de genialidade que veio desse grupo diferente, gigante, inquieto e criativo. Cada cabeça, nesse caso, muitas e muitas sentenças. Quando eu vi o meu primeiro ensaio, eu fiquei tão absolutamente apaixonado pela dinâmica de uma cena totalmente improvisada que me desesperava a ideia de ter que escrever algo para estar no lugar do que aquelas pessoas inventavam, propunham, criavam.

Se vocês tivessem ideia apenas da quantidade de documentos naquele nosso drive...

E daí até o palco?

Ainda mais vozes.

Compor isso tudo, montar esse todo incontido. A direção, o cenário, a luz, a música (ah, a música nessa peça...).

Porque aqui tudo é enorme. A quantidade de cenas, de canções, de figurinos, de registros, tons, humores e espíritos... o tipo de "tarefas" que a gente recebia: tudo aqui é maior, mais impressionante, mais caótico, mais atordoante.

E com isso desapareço eu também nessa história, ainda mais, escondido num canto de uma sala qualquer, num prédio qualquer.

Porque eu não abarco nem o que eu mesmo escrevi: palavra.

Posso dar meus cinco mil passos em volta do palco, tentar montar sua cartografia e consultar sua história... Mas eu me sinto diante dela exatamente como nos sentimos ao olhar para a Avenida Paulista lá fora, sob sol a pino ou vendo estrelas: menores e incluídos, pasmados e encantados com essa chance de ver o mundo todinho estendido entre a Consolação e o Paraíso.

CAETANO W. GALINDO dramaturgia

ORORO

No início do processo dessa peça, esbarrei com uma tirinha da Laerte em que uma atriz está de pé num cenário e, no meio de um aparente ensaio, um diretor pergunta onde ela está. Ao que a atriz responde: *"na estação do metrô"*, se mantendo fiel à ilusão da cena. Mas logo o diretor a corrige: *"errado, está num palco"*.

No primeiro dia em que entrei no teatro com o nosso cenário já montado, lembro de pensar justamente como a atriz da tirinha: *estou na Avenida*. E quando me colocava de pé na Avenida, em minhas tantas andanças ao longo do processo, pensava: *estou num palco*. Me colocava de pé na Avenida e ninguém ali sabia que naqueles *segundos eternos* eu era plateia de um espetáculo a céu aberto.

Carregamos a Avenida pra dentro e levamos a peça pra fora. Entre uma e outra, criamos uma *avenida circular*, um oroboro que ora começa na Avenida, ora começa no palco. Um devorando o outro. Um gerando o outro.

Foi assim, num jogo constante de trocas, que a peça foi tomando forma. Muitas horas caminhando e observando, escrevendo e descrevendo. Algumas centenas de fotos e vídeos capturando instantes da vida rotineira na Paulista e dos domingos onde tudo parece possível. A Avenida é verdadeiramente capaz de nos apresentar a mais surreal e impensável cena, a mais improvável junção de personagens. Porque sim, *cabe na avenida tudo aquilo que você* imaginar.

A Avenida que hoje toma esse palco, imaginamos em conversa com outra Avenida de vinte anos atrás, a Dropsie. Imaginamos essa Paulista viajando pela Paulista de tantos outros tempos. Fantasmas do futuro e do passado, habitantes dessa terra antes de tudo. Habitantes que tomaram a mesma terra e construíram nela símbolos que discorrem até hoje. É só parar para olhar.

Imaginamos juntos, todos e todas que fizeram essa peça, um grupo extasiante de *tecelões de ficção*: compositores, atrizes, atores, músicos, dramaturgos, coreógrafo, cenógrafos, iluminadores, paisagistas sonoros, figurinistas, construtores, técnicos, produtores. Mas nada seria tecido por nós sem os transeuntes, os camelôs, os trabalhadores, os sonhadores, os desiludidos. Por todas as pessoas de todos os cantos que vão e vêm todos os dias pela Paulista. Porque sim, só com muita gente se faz uma avenida.

E pela noite, todo dia, pelo dia, toda noite, a Avenida continua se fazendo. Nesse oroboro circular, a Avenida Paulista continua a se apresentar, num espetáculo sem fim. Então, quando você colocar o pé para fora do teatro, lembre-se de onde você está.

JUUAR codireção e dramaturgia

FORTE PIANÍSSIMO

MARIA BERALDO direção musical

Dias atrás, eu me flagrei dizendo pra um amigo em mudança de Recife pra São Paulo que, pra mim, aqui nesta cidadona, as pessoas é que são a floresta. Eu que, como ele, nasci e cresci numa cidade com muito verde de floresta e azul de água e céu, queria dar confiança pra sua vinda, mesmo sem conseguir tirar o inevitável tom de consolação. Mas é a mais pura verdade que esse mundaréu de concreto provoca em minh'alma um horizonte, um frescor – e como pode? São as gentes. Muitas. Diversas. De todo canto. Aqui.

E aí que, pra fazer a música da peça, com o nome dessa avenida cheia de gente e concreto, o melhor é chamar um monte de gente. Gente pra falar de gente, olhar pra gente. Pro céu. Pro chão. Pra nos mostrar o que olhar na imensidão. E eis que, como planta que nasce no cimento, foram brotando canções – num grupo de zap. Uma por uma, estonteantes. Tremi quando a Tulipa fez viver a estátua *Aretuza*, do Trianon, que tropeça na toalha do tarô, se liga em quem tá vindo do metrô e a enche de beijos sem amor. Da outra calçada, a Alzira já tinha mandado a inaugural, o primeiro dos assombros, dando vida (ela também) à morte. Talvez num drible, num flerte, num arrebatamento, ou num sopro, a morte se distrai – com a vida.

Na adolescência, eu li num livro da Clarice: "gostaria de dar a vocês o que sinto, como flor". Eu sentia aquilo também, com força: uma vontade de dar o que sentia a (algumas) pessoas, e certa frustração por não se poder dar o que se sente. Claro que conseguimos, de algum jeito, ou tentamos: inventamos a vida pra isso. Mais tarde um pouco, quando comecei a compor canções, senti que aquilo era dar o que se sente, como flor. O maior presente possível, uma canção. Como puderam Chico, Chiquinha, Caetano, Ivone, Milton, Rita, Dorival, Marília, Itamar, Dolores, nos dar tanto, do que sentem, nos ensinar a sentir, nos inventar inventando um mundo.

Dos falantes mirrados daquele celular brotaram mais, muitas canções, umas de dentro da avenida, por baixo do asfalto, outras vindo em rasante, ou como um moleque, desviando entre carros, gavião de aguçada visão e plim! Uma parceria de Juçara Marçal e Rodrigo Ogi. Meu dia poderia terminar aí, mas a engrenagem da floresta é rápida, inteligente engenharia: a nova do Kiko chega dizendo que a criança tá rezando pro ferro cantar – e me lembro de uma das árvores mais bonitas da Paulista: *Eco*, de Richard Serra. 141 toneladas de aço chapado que numa balança se equilibram em peso e leveza com a navalha do moleque. Ou com o sorriso maldoso da criança.

Nossa peça foi sendo invadida de música: elas iam chegando, pareciam infinitas; porque cada uma já era muito, e a gente assim foi colocando a música do Leo na boca da Georgette, a da Jéssica no encontro entre Veró e Roberta, Thalin cantando a mulher que fuma quieta de avental no quintal e depois estende os estilhaços no varal, no choro-canção de Maurício Pereira e Arthur de Faria (Arthur, que mandava literalmente todo dia peças instrumentais que construíam tom e cor da nossa Avenida). E ainda tanta coisa vindo de Arnaldo Antunes, DJ K, Nuno Ramos, Romulo Fróes, Rodrigo Campos, todas com florestas de vida por dentro.

Com o brilho disso tudo nos olhos, com o gosto do ferro e dos frutos na boca, eu me meti numa dessas salas fechadas com mais gente de mente aberta: chamei Fabinho, Lello, Leo, Helo, Julia, Thalin, e levantamos esse jeito nosso de botar as canções na peça. Depois, tivemos que gravar um disco com tudo. Porque vocês precisam continuar ouvindo essas músicas quando saírem daqui. Porque o encontro desses 15 compositores com esses dramaturgos, esses diretores, instrumentistas, atores e vocês é uma joia preciosa. Precisa.

Porque sabemos que as cidades já não dão mais pé, porque a cidade é muito fundo, é muita gente; é apagão, árvore de chapa, saudade de tucunaré; por isso é que restam canções: pra podermos sonhar, no furor dos sons da avenida, ainda que insones, com o teatro.

ASFALTO

Retornar ao Teatro do SESI-SP é como voltar a uma matriz, onde nos sentimos seguros e afagados, seja como espectadores ou como fazedores de cultura. Difícil alguém não ter vivenciado uma experiência marcante com algum espetáculo aqui.

Teatro popular que completa 60 anos de atividades ininterruptas, sediado no coração da cidade de São Paulo, com sua plateia constantemente lotada de espectadores sedentos de divertimento e provocações. Quantos sonhos e lutas este espaço já presenciou, mais de meio século pulsando, vibrando e multiplicando os desejos de artistas e transeuntes desta Avenida.

E "Avenida Paulista, da Consolação ao Paraíso" vem agora nos guiar por estas novas perspectivas. A grande Avenida, a nossa apoteose, o batimento desta cidade.

Completo, em 2025, trinta e cinco anos me propondo a produzir experiências provocadoras e instigadoras neste asfalto que vivo. E, felizmente, pude estar neste espaço algumas vezes para realizar o que me propus. Obrigado ao SESI-SP por manter este espaço agregador e fomentador de reflexão e divertimento. Nestes muitos anos de trabalho, tenho tido como constantes parceiros artistas como Felipe Hirsch, Daniela Thomas e Beto Bruel, que com seu profissionalismo e magnificência contribuem para nortear nossos rumos artísticos. Nossa Avenida, a do espetáculo, só pode existir devido ao diretor Felipe Hirsch, que com sua maestria juntou mais uma vez estes mesmos parceiros e tantos outros incríveis profissionais, criando esta entropia apoteótica e regendo este grande enredo.

Produzir nossa "Avenida Paulista, da Consolação ao Paraíso" com minha equipe de Produção (Camila, Paloma e Arlindo) corrobora o propósito de minha produtora fundada em 1990.

Me acalenta saber que esta Avenida, a do asfalto, continuará a receber todos os transeuntes que vierem caminhar, pedalar, correr, contestar, contemplar, trabalhar e sonhar. Que todos queiram e possam vir para a nossa Avenida, a da peça. O sinal está aberto!

LUÍS HENRIQUE LUQUE DALTROZO *diretor de produção*

lá vem chegando o metrô
vejo a cidade passar
põe na avenida sua fome,
seu medo
e o seu jeito de andar

trecho de "Velhos piratas, novos tupis", Romulo Fróes

No fundo, no fundo

Maurício Pereira

no fundo no fundo é apenas o mundo
cidades girando com a terra no centro
o planeta engasgado, avenidas lá dentro
uma avenida circular

que solta faísca da aurora ao poente
calçada, rabisco, rascunho, bagulho
dois prédios enormes virados pra lua
que vista espetacular

parado na esquina escuto um andar
vigésimo piso, um apê pequenino
silêncio, suor, o pijama listrado
a fumaça da sopa e o gato malhado
o olhar do dono do lugar

o pulo do gato é da altura da estante
um salto elegante, uma nuvem de pó
no meio da sala uma traça devora
com muito interesse no grosso da obra
a incrível história dos karamazov

Lari

Juçara Marçal e Rodrigo Campos

naquela esquina, lá, lari
lari, larissa, lá
escorregou sem resistir
tombo espetacular
a multidão cercou a menina
a ambulância subiu a guia
a avenida não quis parar
para larissa entrar

"não vai morrer, quebrou!"
alguém gritou
"o osso apareceu,
meu deus, que dor,
que dor!"

A morte se distrai

Alzira E

uma imensa cobra de lata
rasteja e ronca
envenenando narinas
meninas nas calçadas
são caça pra onça

a selvageria passeia
pela noite todo dia
todo dia
pelo dia toda noite
todo dia

e a morte se distrai
com a vida na avenida

Sim salabim

Juçara Marçal e Rodrigo Ogi

no meio de abutres eu sou gavião
deslizando entre carros, aguçada visão
fechou farol, o bote eu dei
peguei, peguei, peguei, peguei, peguei, peguei

e gritos na multidão, pega pra capar ladrão
gritos na multidão nunca me alcançarão
putos eles estão
prontos pra me matar
mas não vão me parar...

de bicicleta eu
corro pra me salvar, com adrenalina a mil
corro pra me safar, o clima tá hostil
consigo escapar, a sorte me sorriu
partiu, partiu, partiu, partiu...

no sim salabim! plim! você nem sentiu
porque eu faço a magia de um jeito bem sutil
tava na mão e quando viu
sumiu, sumiu, sumiu, sumiu, sumiu, sumiu

De reis

Juçara Marçal e Guilherme Gontijo Flores

quantos carros na procissão
quantas caras na multidão
trocando cores, uns de azul
uns de encarnado
pela encruzilhada
de reis

O artista é o cavalo do cão

Negro Leo

o dinheiro é poucas ideias
é sim e senão
o grande arquiteto do universo
eu sou um merda
na base da pirâmide invaginada
no credo místico
de especuladores
cinza-desalmada.

olho onividente bandeirante
olho grande sangrou lágrimas
de pedreiros errantes
deu tilt no levante
milhares partiram pra guerra
matracas em transe

muitos planos atrás
minha glória ia dar rebote
um sinal de vida
veio a ira de satanás
deu revés na apuração
alguém saltou do automóvel, armado
deu *hate*

o artista é o cavalo do cão
a pessoa segue o diabo se tiver juízo
a pessoa sem juízo é mártir
e marte é frio e distante
tô preso no elevador
o dinheiro é punk

São para poucos

Thalin, Cravinhos, VCR Slim, Langelo, Pirlo

a pauta de hoje será a pancada do pai
por entre ruas não há desobediência

o que cresce não obedece a lei da consistência
ruas cheias por enquanto leve o que é seu consigo

são para poucos a cidade que está sempre longe
são para poucos a cidade

pra quem não se esconde você some
pra quem não se lambe um outdoor

tô fora de casa
espelho anda só

entre barões e avenidas eu prefiro açucarado
só vejo telhados bem pelados

imagine bambu
vira e mexe
no alto do morro perambulam advogados

vá pa...
vá pa lá vá de como preferir
a palavra leva longe

o antônimo do monge e seu superego
o antônimo da graça e sua redundância

nego que eu sou o chato, nego
sou o último e o primeiro ato
aquilo que difere seus contatos

ô, calma motoca
tira o teu da toca
debaixo da touca
uns querem te trocar
aqui nós faz escambo

são para poucos a cidade que você está procurando
são para poucos a cidade

tire os freios dos teus gestos
tire as lágrimas dos seus cílios
o metrô permeia o andarilho

se cansou, tremeu só siga o trilho
se caiu, dançou morreu na trilha
se caiu dançou o trem no poste

tire os freios dos teus gestos
tire as lágrimas dos seus cílios

e se sacarem a carabina
uns querem te guiar
prédios querem que cê siga

o que te eliminar
dirá que foi por disciplina

o céu da cor do mar
o mar anda meio cinza

me explica
como que o surf do concreto é viável

me ensina
algo que não seja descartável

o sol que bate no prédio que bate no outro que bate no chão
que bate na gente, que bate no gato, no cão

poderá brilhar mais no teto que no barracão
essa é farda daquele modelo
aham

uma brisa, o vento leve é leve
o cavalo do xadrez é pesada a peça
é pesado à beça

uns aristocracia
outros democratecas
desfilam na avenida

"a falsa organização não vai levar a lugar nenhum"
disse a matéria independente
desfilam na avenida rádios independentes
o famoso boca a boca se espalha
é uma epidemia

do tipo quem se salva?
do tipo quem se deixa levar?

a matéria séria disse
que o recorde foi batido
que o shake foi batido

lá

lá naquele restaurante que não é restaurante mas
todo mundo fala como se fosse um restaurante

se a poesia fosse sucinta
se a rua fosse sucinta
se a vida não fosse cinza
eu não seria paulista

a língua fala mais que sua casa
buracos que chamam de casa
é uma casa
não muito engraçada
um pouco apertada
mas se eu sair da casa
ela não está mais apertada

haha

a solução é simples pros senhores vadios
avenues
é assim que se chamam ruas largas os "imbecius"

mas como que nos chamam ao passar por lá
pode ser meu lar
se for brasil

Fim da linha

Rodrigo Campos e Rodrigo Ogi

quando o trem sacoleja
eu começo a sacolejar
e o meu pensamento veleja
e eu deixei velejar

tinha o corpo espremido e a mente livre
outro vislumbre um novo timbre
gosto de drink de mel com gengibre
paira no meu paladar

eu vou pra pasárgada
lá um anjo tocará
uma harpa feita com as teias de tarântulas
pôr meus pés cansados num escalda-pé de cânfora
paraliso o tempo com o peso de mil âncoras

mas o tempo é selvagem
minhas rédeas não quis aceitar
e daquela bonita viagem
eu tive que retornar

tinha o corpo espremido, uma penumbra
tipo com câimbra na catacumba
na minha cabeça tem uma zabumba
que não para de tocar

Linha verde

Kiko Dinucci e Rodrigo Ogi

hoje o dia não foi de vitória
e parece que o esforço é em vão
no pesar dessa vida inglória
eu preciso de consolação
no sol quente eu gasto a sola
o suor encharcando a gola
e com muito esforço cheguei no trianon

eu tô chapando de babilônia
mas não posso perder minha fé
eu queria tá lá na amazônia
só pescando um tucunaré

então na brigadeiro eu paro
pra poder acender um cigarro
e foi quando eu me deparei
com a confusão

quando o besouro de aço fez o zunido eu fui punido
com a trombeta dos anjos do apocalipse no meu ouvido
vejo a vida passando no meu juízo, foi sem aviso
até que enfim eu cheguei, eu encontrei o paraíso

Fogo no parquinho

Arthur de Faria e Maurício Pereira

descer no escorregador
gritar
correr
rir até não poder mais
por campos de futebóis

voar pela rua
pé, chinelo, celular
quem olha de longe tem
sensação que tudo é bem
(ou nem)
(ou nem)
um carrossel que não tem

fim

brincam de mamães papais
papai
mamãe
acorda e vai até o quintal
fuma quieta de avental

estende com cuidado
os estilhaços no varal
quem olha da rua tem
ganas de fumar também
gritar
correr
de berrar que tudo bem

longe

Mandelão contra o sistema!

DJ K

Mc Keke
aé aé, mas os golzinho voltou de ré (4x)
só ataque soviético em cima dos mané (2x)

só ataque soviético em cima dos mané (4x)
aé os golzinho voltou de ré (4x)

Mc NEM JM
sei muito bem dessa mina a peça nois já conhece (2x)
ela fode na dz7, fode na dz7 (4x)

Mc g3
de calcinha ela vem já tá pronta pro abate

Mc Mel
tô piscando a buceta pros muleque do antares

Mc g3
elas tão querendo droga, elas querem esfrega-esfrega

Mc Mel
já tô indo sem calcinha, mete pica na minha xereca

Mc g3
vem que vem no esfrega-esfrega

Mc Mel
mete pica na minha xereca

Mc g3
e *pica* na xereca vem novinha do antares
sabendo do esfrega-esfrega
vai pica na xereca, toma pica na xereca
toma pica na xereca (4x)

Artigos de são paulo!

DJ K

Mc Menor Ryan
manda 3 tiros pro alto, é os menor da facção

157 de xota nosso artigo de ladrão
hoje eu tô de plantão, mochila nas costa e radinho na mão

ela fode com os menor bigode,
ela fode com os menor ladrão,
ela fode com quem tá de grife
ouro no pescoço em cima do taigão

Mc Kaique da Sul
tô com a mochila cheia de droga
essa piranha gosta muito

traficando aqui na loja essa piranha gosta muito

é, encosta na loja
é, vem no mó tumulto

ela encosta na loja
ela qué vim no vuco-vuco

vou te dá um beck de 10 e tu mama 20 minutos (4x)
vou te dá um beck de 5 e tu mama 20 minutos (1x)

tu mama 20 minutos (6x)

Conexão pajeú/paulista

Jéssica Caitano e Guirraiz

contando as torres, dando um giro
vendo o formato e as cores
casa branca, encruzilhada
e a mata preserva as flores
tantos pés caminhadores
num passeio de domingo
trianon e as centenárias
no meio do labirinto

deixo a saudade que sinto
no peito fazer morada
sair do sertão é duro
e o futuro é pelas estrada
na avenida calada
ouvindo o próprio suspiro
e sinto a força das acácias
em todo canto que eu piso

no fauno um riso
e o matagal se refaz
enche o pulmão da paulista
e respira pedindo mais
fale com seus ancestrais
ande descalço na terra
quem pisa com fé sustenta
deixa empareada as serra

selva de pedra
cochilou cajado quebra
tamo no fluxo sem rédea
caminho quem sabe erra
vou pelo fio da artéria
cortando o coração dela
pescador lançando a flecha
pajeú no centro entrega

nós vamo de bonde
mas não pelo trilho
caboca tá solta
no mei do perigo
quem fecha comigo
entende o que eu digo
traduzir é foda
tem que tá no brilho

deixa eu te mostrar
o passo que eu vim de lá
devagarin pra chegar
depressa eu quero voltar
vários corre pra somar
com quem sabe improvisar
e olha o que eu trago pra cá
rima no meu patuá

deixo o pandeiro gritar
que eu vim do mesmo lugar
exu na frente a guiar
abre os camin preu passar

Segundo eterno

Kiko Dinucci

o meu olho retratou
naquele instante
o seu olhar

efêmero, terno, parado, curioso
calçada, gente correndo rumo à morte

n'outro olho, o mesmo olhar
estacionou
no meu juízo

tomando rumo oposto
você some
congelo seu rosto
num segundo eterno

nunca mais eu esqueci aquele olhar
não sei nem quem você é
e o que cê faz
todo dia eu visito aquele olhar
mesmo que não te encontre
nunca mais

Uma solidão

Juçara Marçal e Maria Beraldo

uma multidão
chora
solidão

solidão uma
chora multidão

uma chora solidão
multidão

chora multidão
uma solidão

Onde eu não vou

Arnaldo Antunes

onde eu não vou
tem muitos bairros de são paulo
onde eu não vou
balacobacos e embalos
onde eu não vou
e lá no joquey ver cavalos
eu não vou

onde eu não vou
tem um bocado de buracos
onde eu não vou
e tem baladas e badalos
onde eu não vou
muitas estradas e atalhos
que eu não vou

eu fico na paulista
porque gosto da paulista
na avenida ganho a vida
como camelô

ali no vão do masp
vendo corações de jaspe
gorro de crochê, echarpe
badulaque, bibelô

eu fico na avenida
ofereço bijuteria
tenho troco e simpatia
dou bom dia pra quem for

abordo o motorista
o pedestre e o ciclista
dou o preço, jogo a isca
pra vender o meu tricô

onde eu não vou
tem esplanadas ministérios
onde eu não vou
tem babilônias e impérios
onde eu não vou
e universos paralelos
que eu não vou

onde eu não vou
tem vizinhanças e províncias
onde eu não vou
muitas entradas e saídas
onde eu não vou
e condomínios com guaritas
que eu não vou

eu fico na paulista
da augusta à bela vista
entre uma e outra pista
atravesso o corredor

ali no vão do masp
não tem nada que me escape
faço a conta com meu lápis
para o pix do doutor

diante da gazeta
tiro as coisas da maleta
ponho tudo na banqueta
pro banquete do freguês

eu vendo camiseta
na calçada branca e preta
dou a volta no planeta
e vou parar no center 3

onde eu não vou
tem um punhado de infinitos
onde eu não vou
e tem abismos precipícios
onde eu não vou
muitas igrejas e hospícios
que eu não vou

onde eu não vou
tem multidões em muitos bares
onde eu não vou
tantos iates sobre os mares
onde eu não vou
e outros milhares de lugares
que eu não vou

eu fico na paulista
se o rapa se anuncia
recolho a mercadoria
e enrolo no cobertor

aqui pela paulista
eu me escondo da polícia
numa banca de revista
ou na boca do metrô

eu sigo na avenida
todo dia eu tô na briga
ouço o ronco da barriga
esperando um comprador

ali no vão do masp
ou na frente da fiesp
não preciso google maps
pra saber aonde eu vou
(e onde eu não vou)

Já foi (desencontros na paulista)

Juçara Marçal e Guilherme Gontijo Flores

aquela esquina, aquele bar,
aquela cena certa,
como seria certa a agulha no palheiro

aquele dia, aquele olhar
acumulando os erros
de um desencontro na paulista na noite cheia

você chegou,
eu não vi
e me voltei
sem nada aqui

quando eu cheguei,
você nem
olhou pra trás
e agora a dois:

já foi

Vai e vem

Alzira E

vaga-lumes amedrontados
correm nos painéis iluminados
eu gostava da beira do riacho

horizontes envidraçados
escurece cedo, o dia passado
eu gostava do sol nos quintais

as estrelas são antenas do céu
as antenas são estrelas que vejo
eu gostava de estrela cadente

os sinais são inteligentes
sonhos não serão em vão
eu sonhava com esse vai e vem
no trem

Crachá, café

Maria Beraldo e Rodrigo Campos

crachá, café
no copo da desilusão
sem cor, desvãos
das tralhas do seu coração
ainda se sentisse o gosto
calor pra língua arrebatar
pressente o alvoroço, já
o almoço acabar
a vida não suavizou
e sabe que não vai

crachá, café
e o passo da indigestão
mas não comeu, e o intervalo acabou
procura na calçada um rosto
que lhe seja familiar
relembra o mês de agosto, já
o ano vai passar
a vida não suavizou
e sabe que não vai

Lavoro in corso

Maurício Pereira

lá vai barão
soltando fogo pelas ventas
nota de cinquenta pau
pr'acender charuto

no casarão
(onda de parada *hype*)
vamos tomar um café
olhar por cima

vestido assim
pose de bruços na grade
sentir nojinho
tem *yakissoba*

o porsche vai
vai deixando rastro atrás
revira pilha de gibi
o fantasma tá descabelado

então moçada
tá escrito que a calçada
hoje vai estar fechada
para os pedestres

então moçada
vamos livrar a calçada
para a aterrissagem
dos extraterrestres

lavoro in corso
lavoro in corso

Vidro transparente

Nuno Ramos

os ombros vão sair do chão
as asas vão subir
o corpo feito vidro transparente
será a lente do azul, sim

não é a morte nem a solidão
é minha voz, visão
o feltro o sujo o mijo são o veio
o ouro da manhã azul, sim

cada ferida bate numa estrela
o cosmo todo a vê-la
a vida que ele teve, o seu mistério
descansa num tapete azul, sim

Um sorriso maldoso de criança

Kiko Dinucci

um sorriso maldoso de criança
olha o bando das banda de lá
tá na sede
no aço da navalha
tá rezando pro ferro cantar

pica o rodo, chinelo
cai de cara
bica, chute, pancada, sopetão
ranca iphone
relógio do canalha
deixa ele sofrendo no chão

faz a roda
e a venta assustada
hoje a noite vai ter picolé
pega-pega, biriba, cusparada
presepada, cheirinho de solvente
e um demônio com samba no pé

um sorriso maldoso de criança
some o bando nas banda do vão
par de tênis que não calça em ninguém
e um adulto caído no chão

Estrela do trianon

Tulipa Ruiz

tremi quando vi
a estrela do trianon
triste trebada tropeçava na toalha do tarô
estátua viva estonteante
morando na fonte e beijando um rio
ligada em quem tá vindo do metrô
mora no parque
trepa no parque
chora no parque
me enche de beijos e é avessa ao amor

Buraco da consolação

Jards Macalé e Tim Bernardes

chega, já era, vai fundo
vai pelo buraco da consolação
seu coração já é dela
melhor nem lutar não tem mais salvação
sei que daqui por diante
mais nada de bom pode acontecer
a coisa já ficou feia e é tudo que eu não desejei
pra você

então por quê não desiste
e desce rolando até os jardins
vamos pro fundo do poço
pois não tem mais nada pra você aqui

você não via que o mundo está podre
porque estava cego de amor
não ouça aquele ditado
pois a esperança há tempos se foi

se você não acredita
e mesmo assim quer ir pela contramão
e vai correndo pro centro aonde morava o seu coração
sei que não vai gostar nada do que encontrar
quando chegar por lá
o centro do peito vazio
que abandonaram depois de usar

então você só se encolhe num canto daquele vazio
de dar dó
fica com frio e com medo
numa rua suja de sangue e de pó
e quando a noite cair e o cobrir por completo de
escuridão
você enfim poderá enxergar
que beleza que é o amor

Classificados

Tulipa Ruiz

essa rua é mato
melado no concreto
uma passadeira
para andar no reto
crosta de sujeira
pra pouca lixeira
tudo reformado
buraco tapado
muro apagado
muito bem pintado
pra não dar bandeira

depois que descascar
pode ser possível ler
o que estava escrito aqui antes da tinta
na parede e ver o lambe lambe azul
a propaganda que rolou
bem antes do telão
a comunicação de uma rua
o passado bem na frente
na rua

quem tava em cartaz
quem foi que sumiu
quem se elegeu
quem tá foragido
quantas passeatas
quem perdeu um gato?

Velhos piratas, novos tupis

Romulo Fróes

meu pai baiano
mãe das gerais
filha do mundo
olham pra trás

um chicabon picolé trianon parque
praça osvaldo cruz
assalto à mão, outro caixa no chão
são paulo traduz

mãos de concreto
pés de carvão
samba secreto
consolação

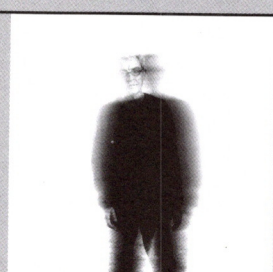
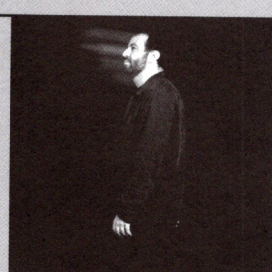
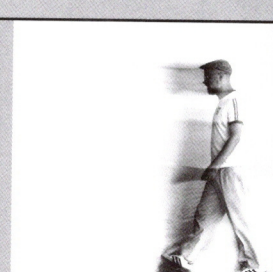
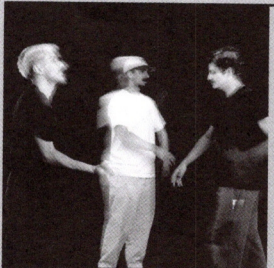
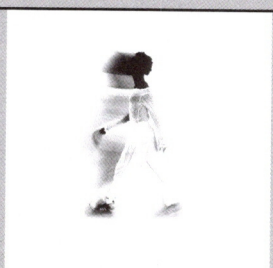
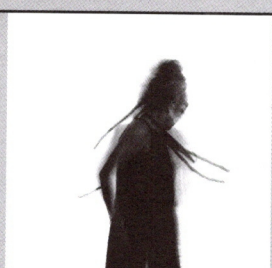
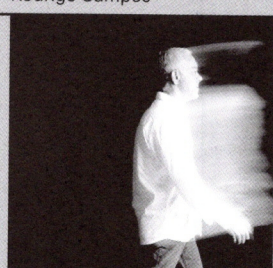
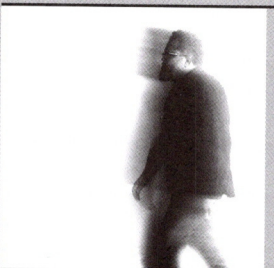
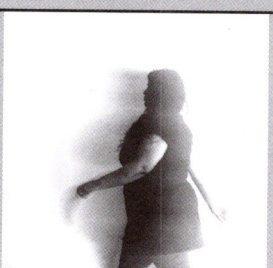
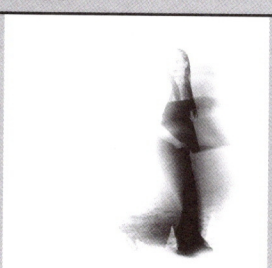
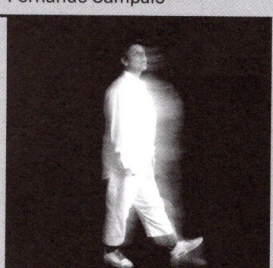
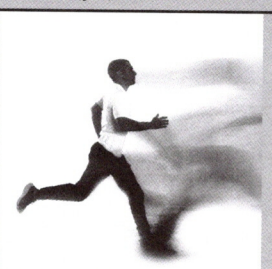
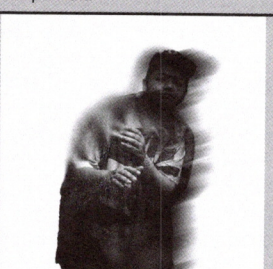
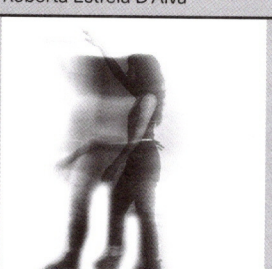
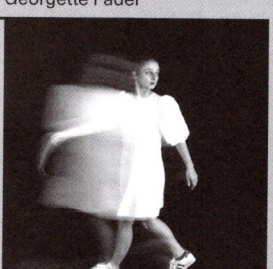
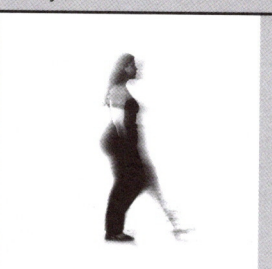
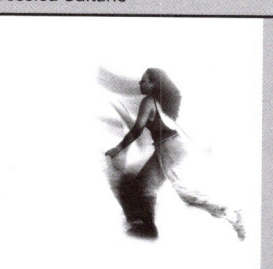
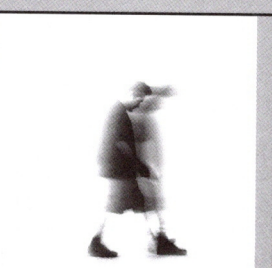
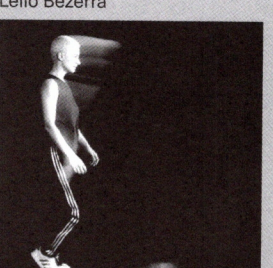
mostra esse rosto de cera esculpido
sem pressa fofão
esconde na cara o café, o dinheiro
a velha mansão
joga anhanguera no fogo
queima a bandeira do mal
põe na avenida seu nome, seu corpo
o seu carnaval

homens silvestres
em procissão
um vão lotado
de multidão

cem mil pessoas cantando torcendo
correndo na contramão
mais de um milhão de pedras pisadas
calçadas de algum vilão

muitas paradas
muitos brasis
velhos piratas
novos tupis

lobo gomide eugênio caneca
antônio padre joão
nomes perdidos plantados nas placas
de identificação
lá vem chegando o metrô
vejo a cidade passar
põe na avenida sua fome, seu medo
e o seu jeito de andar

Rodrigo Ogi
Nuno Ramos
Maurício Pereira
Kiko Dinucci
Rodrigo Campos
Maria Esmeralda
Negro Leo
Aretha Sadick
Alzira E
Fernando Sampaio
Romulo Fróes
Amanda Lyra, Marat Descartes
Tulipa Ruiz
Roberta Estrela D'Alva
Georgette Fadel
Verónica Valenttino
Lee Taylor
Jéssica Caitano
Jocasta Germano
Helena Tezza
Kauê Persona
Heloisa Alvino
Julia Toledo
Gui Calzavara
Lello Bezerra
Arnaldo Antunes
Fabio Sá
Juçara Marçal
DJ K
Maria Beraldo

Direção Geral Felipe Hirsch **Codireção** Juuar

Dramaturgia Caetano W. Galindo, Felipe Hirsch, Guilherme Gontijo Flores e Juuar, com a colaboração de textos improvisados pelo elenco

Canções Inéditas de Alzira E, Arnaldo Antunes, DJ K, Jéssica Caitano, Juçara Marçal, Kiko Dinucci, Maria Beraldo, Maria Esmeralda, Maurício Pereira, Negro Leo, Nuno Ramos, Rodrigo Campos, Rodrigo Ogi, Romulo Fróes, Tulipa Ruiz

Elenco Criador Amanda Lyra, Aretha Sadick, Fernando Sampaio, Georgette Fadel, Gui Calzavara, Helena Tezza, Jocasta Germano, Kauê Persona, Lee Taylor, Marat Descartes, Roberta Estrela D'Alva, Verónica Valenttino

Narrador Renato Borghi

Músicos Fabio Sá *(baixos e synths)*, Gui Calzavara *(bateria e percussão)*, Heloisa Alvino *(trombone)*, Julia Toledo *(piano e rhodes)*, Lello Bezerra *(guitarra, samplers e synth)*, Negro Leo *(vitrola, synths e percussões)*, Thalin *(bateria, percussão, percussão vocal e synths)*

Direção de Arte e Cenografia Daniela Thomas, Felipe Tassara **Direção Musical** Maria Beraldo

Arranjos Maria Beraldo com colaboração dos músicos e Fernando Seiji Sagawa

Trilha Sonora Original Arthur de Faria **Paisagens Sonoras** Os Fita (Abel Duarte, Cainã Bomilcar)

Design de Luz Beto Bruel **Figurino** Cássio Brasil **Coreografia** Marcelo Evelin

Design de Som Tocko Michelazzo **Direção de Palco** Nietzsche

Coordenação e Execução de Cenografia Blue Bird Produções Artísticas

Produção de Cenografia Mauro Amorim, Patricia Almeida **Arquitetura de Cenografia** Mauricio Zati

Engenharia de Cenografia Murilo Jarreta **Assistente de Direção** Carol Araújo

Segunda Assistente de Direção e Operadora de Vídeo Sarah Rogieri

Assistente de Iluminação e Operadora de Luz Sarah Salgado

Assistente de Direção Musical Fernando Seiji Sagawa **Preparação Vocal** Joana Mariz

Edição de Som Matheus Miguens **Engenheiro e Operador de Som** Murilo Gil **Microfonista** Eder Eduardo

Assistente de Figurino Patrícia Sayuri Sato **Estagiária de Figurino** Ju Porto

Costura Salete Paiva, Nomeia Ribeiro, Tiago Nohara, Valéria Lilian, Enrique Casas

Camareiras Ariane Sá, Aline Delgado **Visagismo** Emi Sato, Marcos Ribeiro

Efeito Chuva Espirro, Nietzsche **Contrarregras** Dell Jesus, Espirro

Aderecistas Eduardo Paiva, Marcos Bertoni, Ruth Takiya **Letrista Faixas** Felipe Ikehara

Pesquisa de Campo João Marcelo Iglesias **Fotógrafa** Helena Wolfenson **Designer Gráfico** Bruno Senise

Assessoria de Imprensa Vanessa Cardoso - Factoria Comunicação

Assessoria Jurídica MCBA - Miessa, Corchs, Barra & Augusto Advogados

Assistente de Produção e Produção de Objetos Paloma Rodrigues

Produção Executiva Arlindo Hartz **Coordenação de Produção** Camila Bevilacqua

Direção de Produção Luís Henrique Luque Daltrozo **Produção** Daltrozo Produções

Agradecimentos Guilherme Weber, Elcio Nogueira Seixas, Teatro Oficina

Presidente Josué Christiano Gomes da Silva

Conselheiros André Luiz Pompéia Sturm, Dan Ioschpe, Elias Miguel Haddad, Luiz Carlos Gomes de Moraes, Antero José Pereira, Narciso Moreira Preto, Sylvio Alves de Barros Filho, Vandermir Francesconi Júnior, Massimo Andrea Giavina-Bianchi, Irineu Govêa, Marco Antonio Melchior, Alice Grant Marzano, Marco Antonio Scarasati Vinholi, Sérgio Gusmão Suchodolski, Daniel Bispo Calazans

Superintendente do SESI-SP Alexandre Ribeiro Meyer Pflug

Gerente Executiva de Cultura Débora Viana

Supervisor Técnico de Cultura Luis Davi Gambale

Analistas de Atividades Culturais André Luiz Porto Salvador, João Edson Martins

Supervisor de Gestão de Projetos Culturais Jonatas Willian De Oliveira Sousa

NÚCLEO DE CONTRATAÇÕES CULTURAIS

Analistas de Serviços Administrativos Aina Margot da Silva, Douglas Miranda Ferreira, Eduardo Viegas Cerigatto, Ione Augusta Barros Gomes, Isabela Martos Paes Capatti, Jonatã Ezequiel de Menezes da Silva, Júlio César de Araújo, Kielcimara de Almeida Nascimento, Michele Araújo da Silveira **Assistente de Apoio Administrativo** Gabriel Vicente

EQUIPE DE ARTES CÊNICAS

Analistas de Atividades Culturais Anna Helena Polistchuk, Eliane da Rocha, Juarez Zacarias Neto, Suenne Sotero

Estagiária Luna Marcelino

EQUIPE DE ARTES VISUAIS E AUDIOVISUAL

Analistas de Atividades Culturais Elder Baungartner, Eliana Garcia, Larissa Lanza **Estagiária** Rayssa Rafaela de Lima Sobrinho

EQUIPE DE DIFUSÃO LITERÁRIA

Analistas de Atividades Culturais Josilma Gonçalves Amato, Thais dos Anjos Bernardo **Estagiário** Felipe Alencar Machado

EQUIPE DE MÚSICA

Analistas de Atividades Culturais Alcides Moraes Neto, Gabriela Carolina Assunção Souza, Guilherme Bispo Araujo, Kelly Faé Xavier

Instrutora Técnica de Cultura - Canto Debora Rodrigues Rangel **Instrutor Técnico Musical** Dalton Celso Martins Soares

CENTRO CULTURAL FIESP

Supervisor Técnico Marcio Madi

Mediadores Culturais Alessandra Rossi, Maria Fernanda Guerra, Rodrigo Domingos de Andrade

Orientadora de Artes Cênicas Priscila Aparecida Gabriela Borges

Orientadores de Público Bianca Santos Silva, Éderly Cármen C. Ribeiro Rocha, Henrique Blankenburg Cipriano Martins da Silva, Herbert de Souza Laurentino

Monitores de Arte-Educação Brigite Ery Shiroma , Bruno Vital Alcantara dos Santos, Catarina Aretha Abreu, Diana Proença Modena, Elis Ramos Genro, Leo do Nascimento Rezende, Maria Júlia Fonseca Nascimento, Pamela da Silva Nascimento , Vinicius Araujo Buava

Encarregado Maquinista Nilson dos Santos **Maquinistas** Alessandro dos Santos Peixoto, Menes Santos Machado

Iluminadores Ronie de Araújo Ferreira, Rubens Marcel G. Torres Masson

Sonoplastas Charles Alves dos Santos, Roberto Aparecido Coelho, Roselino Henrique Silva

Contrarregras Carlos Leandro de Carvalho Braga, Evandro Pedro da Silva, Júlio Silva Neto **Estagiária** Luna Cunha Roque

MEMÓRIA CULTURAL SESI-SP

Analistas de Atividades Culturais Josilma Gonçalves Amato, Thais dos Anjos Bernardo **Estagiário** Felipe Alencar Machado

EQUIPE DE COMUNICAÇÃO

Diretora Executiva de Marketing e Comunicação Corporativa Ana Claudia Fonseca Baruch

Gerente de Marketing e Comunicação Corporativa Leticia Martins Acquati **Direção de Criação** Bruno Bertani

Gerente de Planejamento Digital Rafael Queirós **Gerente de Imprensa** Rose Matuck

Coordenadora de Comunicação e Marketing Mariana Soares

Analistas de Comunicação Alexandre Muner, Cleiton Prado, Felipe Ferreira de Melo, Juliana Cezario, Karina Costa, Larissa Santos, Mirella Luiggi, Matheus Araújo, Rodolfo Pereira, Vinícius Fróes

Estagiários Giovanna Júlia Oliveira, Klelvien Arcenio, Laura Maluf, Melissa Castro, Milena Mucheironi

álbum com as canções do espetáculo disponível em todas as plataformas de streaming a partir de março

@daconsolacaoaoparaiso

AVENIDA PAULISTA

DE 15 DE FEVEREIRO A 29 DE JUNHO DE 2025

quintas, sextas e sábados 20h

domingos 19h

16 **ENTRADA GRATUITA**

duração 180 minutos

CENTRO CULTURAL FIESP / TEATRO DO SESI-SP

avenida paulista, 1313

www.centroculturalfiesp.com.br